

A bem amada não ficou sendo para êle a graça iluminante, mas a vítima de sua ação delituosa. Não cuida, portanto, de trazê-la enaltecida, na posição de guia, como na visão poética de Dante, mas de salvar-se perante ela, de atenuar um pouco a culpa que macula a sua alma.

\* \* \*

*Monólogos de uma Sombra*, poema que abre o *Eu*, é o que a todos sobreleva pela concepção, pela originalidade e pela grandeza do engenho poético.

Os doutos em Augusto dos Anjos não se dignaram ainda de revelar a dialética de ação dessa soberba composição, cuja estrutura tentamos agora delinear. Impossível compreender o poema sem compreender primeiramente a temática de sua estrutura. Analisá-lo estruturalmente importa em compreendê-lo integralmente, porque será entrar na posse dos elementos configurativos que constituem o processo mental de construção.

Compõe-se o poema de 31 estâncias, que em seu conteúdo apresentam cinco partes vinculadas pelas conotações que formam a unidade do contexto.

1ª parte: 6 estâncias — preâmbulo e narração da Sombra

2ª parte: 9 estâncias — a narração tem por objeto o filósofo

3ª parte: 11 estâncias — a narração tem por objeto o sátiro

4ª parte: 2 estâncias — retoma a Sombra a narração

5ª parte: 3 estâncias — elegia de encerramento.

A Sombra não é ainda o poeta que fala. É antes a alma embrionária do poeta, o ser anímico que surge do plano subliminar e penetra o reino animal em forma de monera. Por aí vai até adquirir a consciência de alma. Iniciando a narração, eis que assim fala:

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Polipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segrêdo,  
Da substância de tôdas as substâncias!